Fundação Getulio Vargas
09/06/2006
O Globo - RJ

Tópico: Fundação Getulio Vargas - IBRE
Impacto: Positivo
Editoria: Economia

Cm/Col: 101
Pg: 35

FGV: redistribuição fez renda de pobres subir 14%

Em parceria com ONU, estudo mostra que 'queda da desigualdade em 2004 respondeu por 74% desse ganho'

Cássia Almeida

• Os pobres brasileiros estão experimentando um crescimento de renda como se vivessem na China ou Índia, economias que se expandem perto de 10% ao ano. Pelas contas do chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV), o economista Marcelo Neri, divulgadas ontem, a melhoria na distribuição de renda tem afastado os mais pobres da miséria até mesmo nos momentos de estagnação econômica, como o que o país viveu em 2003. Em 2004, ano bom para toda a população, enquanto a renda *per capita* (usando os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a Pnad do IBGE) cresceu 3,56%, para os mais pobres, a alta chegou a 14,1%.

— Criamos um modelo que consegue medir os efeitos da distribuição na renda dos mais pobres. A queda da desigualdade em 2004 respondeu por 74% desse ganho de bem-estar — explicou Neri, que fez o estudo com os economistas do Centro Internacional da Pobreza da ONU no Brasil, Nanak Kakwani e Hyun H. Son.

— Nunca se viu queda de desigualdade tão intensa em pouco tempo como aconteceu no Brasil — disse Kakwani.

Em 2004, a maior contribuição para deixar os brasileiros mais próximos veio do mercado de trabalho. O aumento de escolaridade no país, as quedas nas jornadas e outros avanços melhoraram a distribuição de renda. Essa equação se inverte quando se observa um período maior, por exemplo de 2001 a 2004. A renda *per capita* caiu 1,35% na média anual, porém os mais pobres ganharam 3,07%. E o efeito da redistribuição veio das transferências do governo, principalmente do Bolsa-Família. ■

Editoria de Arte

As diferenças nos rendimentos

A CONTRIBUIÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DE RENDA *PER CAPITA* NO BOLSO

Período	Ganho da renda dos mais pobres	Variação da renda total	Queda da desigualdade*
1995 a 2004	0,73%	-0,63%	1,36%
1995 a 2001	0,10%	-0,30%	0,40%
2001 a 2004	3,07%	-1,35%	4,42%
2004/2003	14,1%	3,56%	10,55%

**Quanto do ganho de renda dos mais pobres veio da queda da desigualdade*

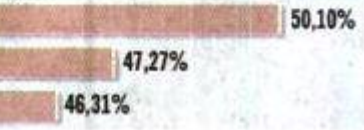
Em 2004, dos 14,1% dos ganhos dos mais pobres, 10,55%, que corresponde a 74% da alta dos rendimentos, vieram da queda da desigualdade

PARCELA DA RENDA APROPRIADA DO TRABALHO

(Quanto que parcelas da população detêm da renda total)

Período	50% mais pobres	40% intermediários
Out/2002	10,07%	39,83%
Out/2004	12%	40,74%
Out/2005	12,24%	41,45%

10% mais ricos



FONTE: Cálculos dos autores do estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com base em pesquisas do IBGE

Benefício maior foi para classe média em 2005

Aumento do salário-mínimo teve pouco efeito redistributivo

• O mesmo estudo que constatou avanço contínuo da redistribuição de renda — principalmente de 2001 a 2004, no menor patamar de desigualdade desde a década de 60 — também mostrou que o ritmo no caminho da igualdade de rendimentos diminuiu em 2005. Pelo menos no mercado de trabalho. Segundo o economista Marcelo Neri, da Fundação Getulio Vargas (FGV), o salário-mínimo exerceu pouca influência na redução da desigualdade entre os trabalhadores. Efeito bastante significativo até 2004.

— Mesmo com aumento de 9% no mínimo, a desigualdade caiu pouco entre maio e outubro de 2005, mostrando que esse efeito se esgotou entre os trabalhadores. Já alcançou o seu máximo — disse Neri.

Enquanto de outubro de 2002 a outubro de 2004, os 50% mais pobres conseguiram passar de uma apropriação da renda de 10% para 12%, em 2005 essa fatia subiu apenas para 12,24%. A perda dos que ganham mais, porém, continuou com força: os 10% mais ricos, que detinham 47,27% em outubro de 2004, viram a parcela cair para 46,31%.

— A redistribuição de renda não foi muito pró-pobre, mas anti-elite. A transferência foi mais para a classe intermediária — explicou Neri.

E os números da Pesquisa Mensal de Emprego, do IBGE, reunidos pelo pesquisador, atestam isso: a classe média, traduzida pela fatia dos 40% intermediários na pirâmide da renda ganharam, passando de uma apropriação de 40,74% da renda total em 2004 para 41,45% no ano passado.

Neri: Bolsa-Família tem mais efeito na redistribuição

A constatação de que a desigualdade caiu menos no mercado de trabalho em 2005 não tira as projeções do economista de que a redistribuição melhorará, mas por outro caminho: as transferências governamentais. O aumento do mínimo tem impacto por conta dos benefícios da Previdência Social e o Bolsa-Família ampliou o número de beneficiados do programa:

— O programa Bolsa-Família tem mais efeito na redistribuição, por ser dirigido aos mais pobres. Somente mais recentemente, a Previdência conseguiu ter impacto na desigualdade, quando optou por dar aumentos reais maiores para os inativos da base — disse o economista da FGV.

Segundo Neri, o retorno social em comparação com o custo fiscal no Bolsa-Família já chegou a ser 20 vezes ao da Previdência Social de 1995 a 2004:

— Quando se isola um período mais curto, de 2001 a 2004, essa diferença cai para quatro vezes. Portanto, o Bolsa-Família tem um viés mais distributivo e deveria ser ampliado, abandonando outras políticas — disse Neri. *(Cássia Almeida)* ■